

## PANDEMIA DE COVID-19 E O TRABALHO DOS TRADUTORES/INTÉRPRETES EDUCACIONAIS DE LIBRAS-PORTUGUÊS: A UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS NA INTERPRETAÇÃO REMOTA

**William Velozo FRANÇIONI**

*Instituto Federal de São Paulo*

**Resumo:** O presente artigo discute a forma pela qual Tradutores/Intérpretes Educacionais de Libras-Português passaram a conduzir seu trabalho diante da pandemia de Covid-19, em face à suspensão das atividades presenciais no Brasil e consequente substituição das atividades de ensino e aprendizagem, em todos os níveis, por atividades online. Para tal, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, que utilizou como procedimento metodológico a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), bem como uma revisão bibliográfica de trabalhos publicados em portais de divulgação científica, tendo em vista as mudanças ocasionadas pelo novo cenário e a utilização e transformação de recursos tecnológicos em instrumentos de uso e mediação (RABARDEL, 1995). É importante destacar ainda o dialogismo (BAKHTIN, 2010) na construção do trabalho do tradutor/intérprete, uma vez que este necessita utilizar recursos construídos ao longo de sua vida e experiências profissionais, acionando um aporte relacionado à cultura e identidade surda. Na coleta de dados foram localizados 17 artigos, publicados entre 2020 e 2021; a partir da leitura e análise do conteúdo desses trabalhos, foram criadas 10 categorias analíticas cujas defesas nos auxiliam na compreensão sobre o trabalho dos profissionais durante o período. O ensino remoto destinado a estudantes surdos desvela uma crise que já era conhecida pelos estudos que abordam a temática, diretamente relacionada à priorização do ouvintismo nas estratégias educativas. Contudo, demonstra ainda outros desafios como a adequação do trabalho de tradutores e intérpretes às plataformas educacionais, o aumento de sua sobrecarga de trabalho e o custeio individual de instrumentos capazes de mediar as interações online.

**Palavras-Chave:** Instrumentos; Ensino Remoto; Intérpretes Educacionais de Libras-Português; Pandemia; Acesso.

## COVID-19 PANDEMIC AND THE WORK OF PORTUGUESE LIBRAS EDUCATIONAL TRANSLATORS/INTERPRETERS: THE USE OF INSTRUMENTS IN REMOTE INTERPRETATION

**Abstract:** This paper discusses the way in which Educational Translators/Interpreters of Portuguese-Libras have been conducting their work in the face of the Covid-19 pandemic, due to the suspension of face-to-face activities in Brazil and the consequent replacement of teaching and learning activities, at all levels, by online activities. To this end, a qualitative research was conducted, using as methodological procedure Content Analysis (BARDIN, 1977). A bibliographic

review of works published in portals of scientific dissemination was developed, taking into account the changes caused by the new scenario and the use and transformation of technological resources into instruments of use and mediation (RABARDEL, 1995). It is also important to highlight the dialogism (BAKHTIN, 2010) in the construction of the work of the translator/interpreter, since he/she needs to use resources built throughout his/her life and professional experiences, triggering a contribution related to the deaf culture and identity. In the data collection 17 articles were located, published between 2020 and 2021, from the reading and content analysis of these works, 10 analytical categories were created whose defenses help us in the understanding about the professionals' work during the period. Remote education for deaf students reveals a crisis that was already known by studies that address the issue, directly related to the prioritization of listening in educational strategies. However, it also demonstrates other challenges such as the adequacy of the work of translators and interpreters to educational platforms, the increase of their workload and the individual cost of tools capable of mediating online interactions.

**Keywords:** Instruments; Remote Teaching; Educational Interpreters of Libras-Portuguese; Pandemic; Access.

## PANDEMIA DE COVID-19 Y EL TRABAJO DE LOS TRADUCTORES/INTÉRPRETES EDUCATIVOS DE LENGUA DE SEÑAS BRASILEÑA (LIBRAS)-PORTUGUÉS: LA UTILIZACIÓN DE INSTRUMENTOS EN LA INTERPRETACIÓN REMOTA.

**Resumen:** El presente artículo discute la forma en que los Traductores/Intérpretes Educativos de Lengua de Señas Brasileña (Libras)-Portugués han llevado a cabo su trabajo durante la pandemia de Covid-19, ante la suspensión de actividades presenciales en Brasil y la consiguiente sustitución de las actividades de enseñanza y aprendizaje en todos los niveles por actividades en línea. Para ello, se realizó una investigación de carácter cualitativo que utilizó como procedimiento metodológico el Análisis de Contenido (BARDIN, 1977), así como una revisión bibliográfica de trabajos publicados en portales de divulgación científica, teniendo en cuenta los cambios ocasionados por el nuevo escenario y la utilización y transformación de recursos tecnológicos como instrumentos de uso y mediación (RABARDEL, 1995). Es importante destacar también el dialogismo (BAKHTIN, 2010) en la construcción del trabajo del traductor/intérprete, ya que este necesita utilizar recursos construidos a lo largo de su vida y experiencias profesionales, activando un enfoque relacionado con la cultura y la identidad sorda. En la recopilación de datos se encontraron 17 artículos publicados entre 2020 y 2021; a partir de la lectura y análisis del contenido de estos trabajos, se crearon 10 categorías analíticas cuyas defensas nos ayudan a comprender el trabajo de los profesionales durante este período. La educación remota dirigida a estudiantes sordos revela una crisis que ya era conocida por los estudios que abordan el tema, directamente relacionada con la priorización del oyentismo en las estrategias educativas. Sin embargo, también muestra otros desafíos como la adaptación del trabajo de los traductores e intérpretes a las plataformas educativas, el aumento de su carga de trabajo y el costo individual de instrumentos capaces de mediar las interacciones en línea.

**Palabras-clave:** Instrumentos; Enseñanza remota; Intérpretes educativos de Libras-Portugués; Pandemia; Acceso.

## 1. INTRODUÇÃO

No contexto de imposição de uma virtualização das relações sociais e do modo de vida sob quarentena, minorias sociais e econômicas têm sentido os efeitos de uma cruel pedagogia do vírus (SOUSA SANTOS, 2020), que se dissemina em meio às extenuantes desigualdades sociais do país e no mundo em geral. A comunidade surda não está imune a esses efeitos, uma vez que é representativa de uma minoria linguística em nosso país, cuja língua não é largamente ensinada e oferecida em todos os espaços sociais. Entendemos, por meio de autores como Quadros e Karnopp (2007), a Libras como língua natural e legítima da comunidade surda e buscamos abordar os principais pressupostos da atuação em Interpretação Remota (IR) (MARQUES, 2020) assim como, autores que pensam o trabalho do Tradutor/Intérprete de Línguas de Sinais (TILS), em seus aspectos linguísticos e normativos, e que descrevem os fatores que envolvem os instrumentos de trabalho deste profissional. Por meio de revisão bibliográfica, destacamos as principais evidências dos estudos produzidos entre 2020 e 2021, considerando as possíveis contribuições no que tange à atuação deste profissional, limitado entre telas, conectividades e outras questões trazidas pelo ensino remoto.

Adotamos a teoria da Gênese Instrumental de Rabardel (1995), que possibilita investigar os efeitos de ações que tiveram a influência da transformação de artefatos em instrumentos. Consideramos que as apropriações de artefatos como computador, software, ou mesmo, câmeras para gravação em transmissão em vídeo, possibilitaram a instrumentalização do ensino durante a suspensão das atividades presenciais, que demandaram esforços individuais de estudantes, professores e tradutores e intérpretes. Utilizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) como suporte analítico, problematizando a forma como os trabalhos selecionados foram lidos e interpretados, visando à construção de 10 categorias que nos mostram os principais enfoques da produção científica no período.

Também destacamos que relações dialógicas são desenvolvidas em meio às atividades de tradução-interpretação no ensino remoto, ao mesmo tempo em que multiletramentos permeiam essas relações de troca, influenciando como os sentidos são produzidos ao longo da relação tradutor/intérprete-professor-aluno surdo. A interação, por meio de plataformas online,

ocorre de maneira diferente, quando comparada à interação face a face, modo pelo qual alunos e tradutores/intérpretes interagiam antes da pandemia. Ou seja, além de lidar com a forma pela qual a Libras será apresentada aos alunos, os profissionais ainda necessitam estabelecer aprendizados e adaptações ao modelo remoto, o que influencia na comunicação estabelecida, durante a interpretação.

Assim, cabe questionar: Esses profissionais tiveram subsídios para realizarem seu trabalho de tradução-interpretação remota (IR) de qualidade, de modo a contribuir com um Ensino Superior não excludente? Quais conflitos resultaram da necessária (re)apropriação de instrumentos de trabalho do TILS? Como esses conflitos foram resolvidos, tendo em vista crises futuras? Organizamos nossa exposição da seguinte maneira: inicialmente tecemos algumas considerações sobre a luta da comunidade surda, sobretudo no Brasil, por reconhecimento e visibilidade. Em seguida, apontamos alguns pressupostos que ligam a apropriação de artefatos em instrumentos, em meio às relações dialógicas entre tradutores/intérpretes e alunos surdos no ensino remoto. Posteriormente, apresentamos nossa metodologia de investigação, para, em seguida, tratar de nossos principais resultados de pesquisa e considerações finais.

Este estudo apresenta como tema a atuação dos tradutores, intérpretes e guia-intérpretes de língua de sinais (doravante, TILS), tendo em vista o regime de trabalho remoto no Brasil. O objetivo geral dessa pesquisa foi compreender as principais evidências das divulgações científicas que se ocuparam da educação de surdos durante o período da pandemia de Covid-19. Como objetivos específicos debruçamo-nos a: i) levantar as pesquisas que evidenciam a forma como o ensino remoto tem sido oferecido aos alunos surdos, em função da relação entre surdos e tradutores/intérpretes no contexto do ensino remoto; ii) caracterizar como o tradutor/intérprete se apropriou destes instrumentos; e iii) descrever quais conflitos surgiram desta apropriação.

## **2. SURDEZ E A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS POR VISIBILIDADE E LEGITIMIDADE**

A surdez pode ser entendida por diferentes formas e níveis. Cabe-nos aqui considerar uma visão social da surdez por meio da qual o surdo é compreendido como diferente e não como deficiente, negando a visão clínico-terapêutica e enfocando o ponto de vista cultural. Entendido como diferente, o surdo é dotado de cultura e identidade, que se estabelece por meio do

estímulo ao canal viso-espacial e da comunicação estabelecida pela Língua Brasileira de Sinais (Libras) (QUADROS; KARNOPP, 2007). Contudo, de acordo com Strobel (2009), há três diferentes formas pelas quais os surdos são interpretados em nossa sociedade ao longo dos tempos: i) Historicismo: surdos são entendidos como deficientes, categorizados pelos diferentes graus de surdez e tratados clínica e educacionalmente pela visão clínico-terapêutica. As línguas de sinais são entendidas como prejudiciais ao desenvolvimento do surdo; ii) História crítica: surdos são vistos como coitados e dependentes. As línguas de sinais são usadas como apoio na comunicação; iii) História cultural: surdos são vistos como indivíduos que pautam suas experiências pelo canal visual, com identidades múltiplas. A educação deve focar a diferença e se estabelecer em línguas de sinais (STROBEL, 2009).

Em nosso país, percebe-se a influência de diversos movimentos ao redor do mundo pela valorização dos surdos e reconhecimento das línguas de sinais, o que influenciou a criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA) em 1977 e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) em 1987, fundação da Confederação Brasileira de desportos de Surdos, em São Paulo em 1994 e a Marcha “Surdos Venceremos” em setembro de 1994 (BERENZ, 2003). Já em 2002 houve a formação dos agentes multiplicadores Libras em Contexto pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com a FENEIS (STROBEL, 2009).

Essa luta culminou em várias conquistas, como a Lei 10.436 de 2002, em cujo artigo 1º reconhece a Libras como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002), e o Decreto 5.626 de 2005, que regulamenta essa lei, provendo garantias legais aos surdos no que diz respeito ao acesso à língua e à sua difusão, bem como à formação do professor e do Tradutor/Intérprete de Libras-Português (BRASIL, 2002; 2005).

Alguns marcos devem ser destacados como a criação de cursos bilíngues de Letras-Libras, iniciados na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2006, que busca a formação de professores ouvintes e surdos para atuarem no ensino bilíngue, e a Lei 13.146 de 2015, que em seu artigo 28 regulamenta a educação bilíngue no país, indicando a “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda

língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (BRASIL, 2015). Os cursos bilíngues compreendem conteúdos curriculares que permitem a integração entre surdos e ouvintes, com a disposição da utilização de ambas as línguas (no caso brasileiro, Libras e português). A Libras é considerada língua natural e compartilha de uma série de características, que lhe atribui caráter específico e a distingue dos demais sistemas de comunicação. De acordo com Quadros e Karnopp (2007, p. 29):

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem. Ela atende a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na linguagem e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

Nesta esteira, a profissão de tradutor e intérprete de Libras vem a ser reconhecida em nosso país em 2010 (BRASIL, 2010). Esse reconhecimento parte da visão social da surdez, que entende a Libras como primeira língua da comunidade surda e também encaminha conquistas em relação ao bilinguismo nos anos posteriores como a publicação da Lei nº 14.191/2021 que integra à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a Educação Bilíngue. Contudo, a realidade demonstra um cenário de subalternidade entre a Libras e a língua portuguesa que permanece como prioritária nos processos educativos destinados à comunidade surda. É nesta problemática que se inscreve a educação ofertada durante o ensino remoto.

### **3. A GÊNESE INSTRUMENTAL, OS MULTILETRAMENTOS E A TRADUÇÃO-INTERPRETAÇÃO REMOTA**

A abordagem instrumental foi desenvolvida por Rabardel (1995), que buscou diferenciar as noções de artefato e instrumento. Para este autor, os artefatos seriam algum meio material pelo qual alguma atividade pode ser desenvolvida. Os artefatos podem ser constituídos por base material (lápis, computador, tablet, smartphone, calculadora, martelo, estaca) ou simbólico (uma figura, um gráfico, software, gênero textual) (TSUJI JUNIOR, 2016). Por outro lado, o instrumento consistiria na utilização destes artefatos, feitos por diferentes sujeitos, em determinado contexto social. Conforme nos lembra Tsuji Junior (2016), o artefato, em si, é neutro, enquanto o instrumento traz consigo características próprias dos usos sociais nos quais é aplicado.

Enfocamos o contexto de tradução/interpretação de Libras-Português a estudantes surdos no Ensino Superior, durante o período da pandemia de Covid-19 para indicar a transformação de artefatos em instrumentos durante o trabalho destes profissionais. Essa transformação implica a exposição a diferentes formas tecnológicas para que a mediação, por meio da Libras ou do português, pudesse chegar aos estudantes surdos pelo meio remoto. Isso leva em consideração alguns fatores como o contato com plataformas de interação online, a necessidade de criar um ambiente que permita a gravação, como um cenário, a compra de equipamentos para gravação e transmissão da imagem. Todos estes elementos têm entrado na vida de docentes e estudantes, e isso não é diferente para os TILS.

Dentre a complexidade pertencente ao campo, destacam-se os efeitos da pandemia da Covid-19 e do abrupto processo de transposição à interpretação via tecnologias digitais, como outro aspecto do trabalho que merece atenção na atualidade. Práticas comunicacionais, decorrentes do ensino remoto, sobretudo, no Ensino Superior, têm privilegiado a atuação dos TILS por meio de uma demanda crescente pela interpretação simultânea, que ocorre em meio a um processo tríplice de receber, processar e expressar em tempo real (PAGURA, 2015), produzindo cenários de trabalho não só complexos, mas sobretudo, desafiadores e estressantes.

Assim, embora a interpretação remota (IR) faça parte, hoje, de uma realidade no trabalho dos TILS no Brasil e no mundo, não há uma formação comum que atinja tais profissionais, de forma a respaldá-los quanto aos aspectos do trabalho comunicacional e tecnologias necessárias à mediação e à IR. Os diferentes processos e habilidades envolvidas na interpretação, seja ela simultânea ou consecutiva, se veem desafiados pela necessária manipulação de bons dispositivos de áudio, vídeo e boa qualidade de internet para transposição ao formato remoto. Tal repertório de saberes e tecnologias, muitas vezes, não é disponibilizado e/ou acessado por todos/as profissionais, inclusive no atual contexto pandêmico de ensino remoto como medida emergencial (MARQUES, 2020).

Para Rojo e Barbosa (2015), a modernidade tem favorecido a inclusão de diferentes linguagens no cotidiano dos indivíduos, proporcionando que um único discurso ou texto seja multissemiótico ou multimodal. Neste sentido, a formação das interações sociais envolveria, essencialmente, as novas necessidades de nosso século, o que significa considerar conhecimentos em diferentes letramentos, ou multiletramentos, que permeiam as relações. As

mídias integram hoje até as nossas práticas sociais mais simples, representando uma mudança na forma como as salas de aula se organizam, já que elas não se comporiam apenas de textos impressos, conforme conhecemos outrora, mas, sim, de linguagens mediadas pelas telas (ROJO; BARBOSA, 2015).

Cada um de nós transita em diferentes contextos sociais influenciando a inserção do digital em nossas vidas. Assim, significamos e produzimos múltiplos sentidos a todo momento, por meio da utilização de suportes como notebooks, smartphones, internet, dentre outros elementos. Desse modo, diferentes competências comunicativas são desenvolvidas. Estaria, então, a escola em uma posição que estimule o pensamento crítico acerca destas múltiplas linguagens, construindo uma consciência colaborativa e emancipatória? O ensino remoto, tal como foi imposto seria uma alternativa viável para a continuidade da educação ofertada à estudantes surdos durante a suspensão das atividades presenciais?

Pensando mais especificamente a relação dialógica entre o tradutor/intérprete e o aluno surdo, cabe-nos estabelecer que as relações entre ambos ocorrem pela relativização de autorias estritamente individuais e com base em trocas coletivas (BAKHTIN, 2010). Ou seja, as palavras por nós proferidas não são nossas, mas constituem palavras-outras, situadas em contextos mais amplos, proferidas por sujeitos coletivos. O diálogo se estabelece em interação e situa as pessoas que nele estão envolvidas em realidades concretas, construídas durante os processos interativos. É por meio do diálogo que significamos o mundo, expressando pensamentos e sentimentos (BAKHTIN, 2010).

O dialogismo leva em consideração, aspectos que “falam” ao coletivo, em meio a forma como os cursos são organizados, ou a formação oferecida aos docentes e, em nosso caso, TILS também. Um determinado artefato se transforma em um instrumento, com base na necessidade de seu uso durante uma dada interação social. Cabe questionar como tem sido conduzidas as mediações pedagógicas, ao longo da utilização de instrumentos no ensino remoto. Neste sentido, ao serem apropriadas, conforme vimos acerca da teoria de Rabardel (1995), as ferramentas utilizadas na Educação a Distância (EAD) e também no contexto do ensino remoto emergencial podem ser importantes instrumentos de mediação, diminuindo distâncias geográficas e proporcionando novas maneiras para a formação de alunos, professores e tradutores/intérpretes.

#### 4. APORTES METODOLÓGICOS

Passamos a abordar os pressupostos que embasaram nossa metodologia de investigação, pautada na Análise de Conteúdo. A referida análise é estabelecida por processos que enfocam os registros presentes em determinado texto, documento, fala ou vídeo. De acordo com Bardin, essa abordagem “[v]isa obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 42). O interesse é na categorização de determinados elementos encontrados nestes registros. Conforme apontam Silva e Fossá (2015), foi com Bardin que a análise de conteúdo se popularizou, passando a integrar pesquisa nas mais diferentes áreas do conhecimento. Contudo, esses autores salientam que muitos estudos têm abordado esse tipo de análise de uma maneira errônea, desconsiderando as etapas necessárias a construção das categorias analíticas. Para Bardin (1977, p. 133),

...] a análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este linguista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano desejando distanciar-se da sua leitura “aderente” para saber mais sobre esse texto.

Bardin (1977) define três fases para a realização da Análise de Conteúdo: i) pré-análise; ii) exploração de material; e iii) tratamento de resultados, inferência e compreensão. Na pré-análise são demonstrados os pressupostos iniciais da investigação, tendo em vista o quadro teórico desenhado previamente. Nesta fase, deve ser feita uma leitura ampla do material a ser analisado, bem como a organização deste. A fase da pré-análise considera os seguintes pressupostos: i) leitura flutuante: primeiro contato com os dados analisados, marcado por uma tomada de consciência inicial sobre os dados gerados; ii) escolha dos documentos: representada pelo ato ou efeito de selecionar as informações pertinentes ao estudo, para análise; iii) formulação de hipóteses e objetivos: de posse da seleção das informações, iniciamos um processo de inferência acerca dos dados selecionados; e iv) elaboração de indicadores, processo pelo qual os dados são, propriamente analisados. De acordo com Bardin (1977), esse quarto processo deve ser marcado pela exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.

A exploração ou preparação do material é considerada uma fase intermediária, que tem como principal objetivo iniciar a construção de processos que visam a uma codificação dos dados.

É nesta fase que os dados são devidamente categorizados, por unidade temática estabelecida de acordo com as necessidades da pesquisa. Silva e Fossá (2015, p. 4) salientam que “[a]s categorias iniciais são agrupadas tematicamente, originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função da ocorrência dos temas resultam nas categorias finais”. O interesse, neste momento, ainda não é estabelecer a produção de sentidos, com inferências sobre os dados, mas, sim, apresentar o significado de determinada mensagem, ou de determinada tabulação (SILVA; FOSSÁ, 2015).

A terceira e a quarta fase compreendem o processo que leva à produção de resultados, com a inferência acerca dos dados apurados e sua interpretação. Esse momento constitui a análise propriamente dita. As relações podem ser estabelecidas entre os dados apurados, as teorias discutidas no trabalho e o estabelecimento de relações com a realidade concreta. Bardin (1977) reforça que o nível de conhecimento e a formação do pesquisador influenciam em todas as fases do processo; mas, principalmente, na compreensão das informações, já que, quanto mais apropriação este apresentar de seu campo de pesquisa, mais instrumentalizado estará para definir categorias úteis e desenvolver análises fidedignas.

Esses elementos são considerados para a realização de nossas categorizações acerca dos trabalhos encontrados. Anunciamos que nossa busca nos portais: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) revelou a predominância de pesquisas vinculadas ao portal CAPES, com cerca de 17 trabalhos que se aplicam à educação de surdos no Ensino Superior durante o período de suspensão das atividades presenciais (2020-2021). Inicialmente buscamos por pesquisas que contemplassem exclusivamente os intérpretes, contudo, ainda são escassas as publicações nesta temática. Então, passamos a buscar trabalhos voltados a educação de surdos, aos pressupostos relacionados à atuação do profissional de tradução e a interpretação durante o período pandêmico.

Os trabalhos selecionados foram lidos com a intenção de evidenciar as principais contribuições entre a relação aluno-intérprete nas pesquisas, especialmente problemas relacionados à tradução/interpretação durante o trabalho remoto. Utilizamos como descritores para a busca nas referidas plataformas os termos: “surdez”, “educação de surdos”, “Libras”, “pandemia”, “Covid-19”, “ensino remoto” e “Ensino Superior”. Nossa coleta de dados ocorreu

no mês de outubro de 2021 e se voltou para trabalhos que enfocam a educação de surdos durante a pandemia. Uma vez coletadas, essas publicações foram sistematizadas, quanto às suas principais defesas, tendo em vista demonstrar as contribuições dos pesquisadores para a compreensão do trabalho dos TILS, estabelecido remotamente.

## **5. ENSINO REMOTO, PANDEMIA E O TRABALHO DE INTÉRPRETES EDUCACIONAIS DE LIBRAS-PORTUGUÊS NO ENSINO SUPERIOR**

Buscamos apresentar nesta seção alguns resultados de pesquisas que têm sido publicadas e debatidas durante a execução do ensino remoto oferecido a alunos surdos no Brasil durante a suspensão das atividades presenciais em decorrência do período pandêmico. A maioria destas publicações reforça a importância da atuação dos TILS para a continuidade dos estudos de alunos surdos no período, bem como, as necessárias mudanças que implicaram na transformação de artefatos em instrumentos para que a mediação fosse possível, mas concordam que essa atuação depende de outros fatores, como a inclusão digital de estudantes, professores e TILS.

De acordo com Stevanim (2020), a pandemia demonstrou desigualdades, não apenas sociais, mas também digitais. O autor aponta que não houve uma preparação ou sensibilização, por parte do Governo Federal, acerca da forma como o acesso seria oferecido, o que implica no descumprimento de garantias mínimas de acesso e permanência à educação. O fato demonstra uma “crise dentro da crise” (STEVANIM, 2020, p. 5). A medida emergencial desconsidera alunos que necessitam trabalhar para auxiliar seus pais que tiveram seus empregos perdidos, face ao fechamento de diversos postos de trabalho no período. Isso se soma à indisponibilidade de recursos tecnológicos, o que dificulta o acompanhamento das aulas em formato remoto (NASCIMENTO; SANTOS, 2020).

Ferreira et al. (2021) salientam a insegurança trazida pela pandemia, tanto para os alunos surdos na Educação Básica e no Ensino Superior, quanto para os profissionais de tradução/interpretação. As dificuldades relatadas por 25 profissionais destacam a sobrecarga de trabalho, a dificuldade em lidar com os recursos tecnológicos necessários para a realização de suas atividades de tradução/interpretação, a falta de suporte para que essas atividades sejam realizadas, além da dificuldade em estabelecer um espaço físico para sua atuação. Os autores perceberam que o contexto influencia a forma como os profissionais trabalham, inclusive,

dificultando-o. Muitos são os aspectos levantados, uma vez que não basta mais que o tradutor/intérprete grave os vídeos, sendo preciso também editá-los, preparar um espaço específico para sua realização e também custear a internet e demais ferramentas para acesso, como notebooks.

Alves e Gomes (2020) também expressam os diversos desafios já enfrentados pela comunidade surda antes da pandemia, tal como a dicotomia surdo x ouvinte e o preconceito linguístico expresso contra a Libras. Os autores ressaltam a utilização de aplicativos como o Google Meet, Jitsi Meet e Zoom na interação em momentos síncronos. Porém, indicam ser recorrentes os pedidos dos professores para que as câmeras dos alunos permaneçam abertas para que os tradutores/intérpretes possam visualizar suas expressões faciais, constituindo assim feedbacks sobre os conteúdos interpretados. Além disso, o uso do WhatsApp se tornou uma das principais ferramentas de comunicação. Mas, como a maioria das pesquisas revela, a dificuldade no acesso é ainda uma grande barreira, não apenas para os alunos surdos, mas para todos os atores das relações educacionais.

Em adição a essas constatações, Silva (2020) indica que o ensino remoto tem dificultado a aquisição linguística de surdos, em uma língua que já é minoritária, promovendo mudanças na forma como as aulas são organizadas. A privação de contato tem sido uma das maiores queixas de alunos surdos durante a pandemia. Conforme aponta o autor:

distanciamento social expôs o nível de atraso e desigualdade que existe entre surdos e ouvintes, não só no contexto escolar, mas também no seio familiar, assim como também pôs à prova o preparo de muitos professores, os desafiando a se reinventar. Conseqüentemente, essa situação que a pandemia impôs à Educação também revelou o desinteresse das autoridades competentes em investir em inclusão dentro das escolas. É notória a incapacidade de muitas instituições escolares em oferecer um amparo básico para os alunos surdos, isso inclui até o mínimo garantido por lei, que é a presença de um professor e de um intérprete de Libras durante as aulas (SILVA, 2020, p. 20).

Um adendo às considerações de Silva (2020) diz respeito ao fato de que ainda no ensino presencial, não havia estratégias adequadas para a inclusão de surdos, conforme determinam as legislações vigentes (BRASIL, 2002; 2005; 2015; 2021). A desconsideração das especificidades sociolinguísticas da comunidade surda vai de encontro às lutas e conquistas históricas dessa comunidade e se reflete também durante o ensino remoto. A pandemia de Covid-19 desnuda a

desigualdade tecnológica, os poucos conhecimentos sobre o acesso com o uso de dispositivos digitais e também a baixa capacidade dos professores na adequação dos conteúdos às necessidades formativas dos estudantes surdos. Ao longo da leitura dos trabalhos analisados, foi possível definir 10 categorias que enfocam as principais contribuições dos trabalhos selecionados para nossa análise descritas na figura 1:



**Figura 1** - Categorias analíticas construídas a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (1977)

**Fonte:** Elaboração própria

Seguindo as orientações de Bardin (1977) sobre a forma como as categorias analíticas devem ser concebidas, realizamos a leitura integral dos trabalhos selecionados, a partir dos descritores indicados na seção anterior e buscamos identificar pressupostos recorrentes nos trabalhos publicados. A formulação das categorias levou em conta as hipóteses levantadas ao longo de nossa leitura, tendo em vista a identificação das problemáticas presentes nas publicações e sua relação com o período pandêmico. Contudo, é possível notar que alguns estudos enfocam, inclusive, problemas anteriores à deflagração da pandemia, fato que dá abertura, por exemplo, para a criação da categoria ‘problemas anteriores à pandemia’, que indica a historicidade da precarização do ensino ofertado à comunidade surda.

Por meio de 10 categorias, construídas a partir dos elementos linguísticos presentes nos textos analisados, estabelecemos relações entre as principais defesas realizadas nos trabalhos e a quantidade em que essas defesas são expressas. O quadro 1 foi organizado da seguinte maneira: inicialmente são apresentadas as categorias definidas, com base na leitura dos textos. Em seguida é demonstrada a frequência (F), por meio da qual cada defesa apareceu nos textos.

Em igual medida, apresenta-se o percentual (P) em que essas defesas aparecem, em relação ao total de trabalhos lidos. Apresentamos ainda a definição de cada categoria estabelecida:

**Quadro 1:** Categorias analíticas trabalhos Ensino Remoto e Covid-19

<b>Categorias de análise</b>	<b>F</b>	<b>P</b>
Problemas para adaptar o ensino remoto aos surdos	13	68%
Indicação de problemas anteriores à pandemia	7	37%
Valorização da figura do intérprete	14	74%
Geração de materiais voltados para a necessidade dos surdos	5	26%
Problemas tecnológicos	10	53%
As plataformas condicionam o ensino oferecido	10	53%
Falta de informações sobre o <i>coronavírus</i> em Libras	5	26%
Geração de informação instrucional em Libras	3	16%
Conciliação de diferentes atividades ao ensino e aprendizagem	2	11%
Falta de apoio público	10	53%

**Fonte:** Elaboração própria

Após a coleta e análise dos dados passamos a refletir: o que essas 17 produções socializadas durante a pandemia de Covid-19 apontam? Indicamos que a presença dos elementos que indicam a frequência e o percentual em nossas categorias demonstra a recorrência dos problemas indicados em cada categoria. Assim, passamos a abordar, mais especificamente, os sentidos expostos em cada uma delas.

Na categoria ‘problemas para adaptar o ensino remoto aos surdos’, indicamos constatações que partem da priorização do ouvintismo frente ao surdismo nas estratégias educacionais. O ensino é destinado aos alunos ouvintes e as especificidades da comunidade surda não são consideradas no modelo remoto. Esses estudos indicam a falta de tradutores/intérpretes ou materiais visuais durante a condução das aulas, além de a Libras não constituir as abordagens pedagógicas. Por sua vez, a categoria ‘indicação de problemas anteriores à pandemia’, demonstra como esse fato tornou ainda mais difícil o ensino destinado aos estudantes surdos, conforme demonstram Monti et al. (2021, p. 20):

[...] mesmo fora da pandemia, as barreiras que emergem nas relações sociais já configuram de certo modo uma prática de isolamento, mesmo que inconsciente. Agora, com as medidas de distanciamento não somente os surdos entrevistados podem partilhar dessa mesma privação de

contato com o outro, mas também acabam isolados, nos casos em que a comunicação em casa se mostra consideravelmente restrita, já que nem todos os familiares demonstram

Ao mesmo tempo, há a predominância de estudos que reforçam a ‘valorização da figura do intérprete’, mesmo durante a pandemia, demonstrando que essa presença é indispensável não apenas durante a mediação nas aulas, mas também em lives musicais e pronunciamentos oficiais, face à situação de distanciamento social (ARAÚJO; FERREIRA, 2021). Com base nesta necessidade, indicamos também a criação da categoria ‘geração de materiais voltados para a necessidade dos surdos’ que enfoca a construção de estratégias de mediação pautadas na visualidade e acessibilidade linguística em Libras, algo que se torna crucial com as medidas para frear o contágio pelo coronavírus.

Na categoria ‘problemas tecnológicos’ encontram-se publicações que retratam as dificuldades para alunos surdos e intérpretes no acesso às aulas remotas, tanto em relação à falta de dispositivos, quanto à sua manipulação. Essa categoria nos leva a outra que indica que ‘as plataformas condicionam o ensino oferecido’, já que o formato no qual se dão as aulas remotas pressupõe modificações na estrutura da interpretação oferecida, impactando a forma como as informações são mediadas entre estudantes, professores e intérpretes. Alves e Gomes (2020, p. 328) retratam essa situação: “a imagem, a articulação da fala, muitas vezes não é nítida, o que é um complicador para surdos oralizados e até mesmo para os que sinalizam. A conexão com a internet pode falhar”.

Fora da esteira educacional, também há trabalhos que repercutem quanto a ‘falta de informações sobre o coronavírus em Libras’, situação na qual, mesmo quando é ressaltada a importância da figura do profissional de tradução e interpretação, em muitos casos, essas informações se tornam escassas, confundindo a comunidade surda sobre as melhores formas para se evitar o vírus. Essa categoria também nos leva a uma outra que parte da necessidade de ‘geração de informação instrucional em Libras’, pautada na produção de materiais sobre o vírus por meio de vídeos acessíveis em Libras.

Finalmente, demonstramos as duas últimas categorias propostas: ‘conciliação de diferentes atividades ao ensino e aprendizagem’, que repercute na construção de uma nova agenda para o ensino de surdos durante a pandemia, pautada na reorganização e acumulação de atividades direcionadas aos tradutores e intérpretes; e ‘falta de apoio público’ que desnuda

a forma solitária por meio da qual estudantes, professores e intérpretes deram continuidade às atividades educativas sem aporte material para que isso pudesse ocorrer. Não foram delineadas estratégias comuns e conjuntas para que esses atores lidassem com o ensino remoto. Ao contrário disto, esses indivíduos buscaram conhecimentos na medida em que as experiências formativas foram se delineando remotamente.

A figura do tradutor/intérprete aparece com uma centralidade crucial nos textos revisados. O grande enfoque dos trabalhos parece ainda apresentar panoramas gerais sobre este momento, abordando prioritariamente a forma como o ensino remoto foi disponibilizado aos alunos surdos. É possível perceber que há dificuldades e diferentes desafios, no que tange a essa relação surdo-intérprete-tecnologia, durante os processos de ensino aprendizagem. É possível notar, através da coleta de dados, que muitos artefatos se tornaram instrumentos (RABARDEL, 1995) durante o período de ensino remoto, tendo em vista a atuação dos TILS. Um exemplo é o fato de estes profissionais não se virem, em muitos casos, antes da pandemia, como editores de vídeos e produtores de conteúdo para determinada plataforma educativa.

Além de terem que lidar com recursos com os quais não estavam acostumados, esses profissionais também necessitam custear os recursos, por meio dos quais seu trabalho pudesse ter continuidade. Esse fato desvela a crise presente em nosso sistema educativo, que não considerou a forma como o ensino remoto seria ministrado por professores, e mediado pelos intérpretes. É imprescindível destacar a falta de assistência do poder público, quando pensamos em subsídios para o acesso e para a aprendizagem, na utilização de determinadas ferramentas como câmeras, a própria gravação e edição de vídeos, artefatos que, anteriormente, não constituam as práticas sociais nas quais se engajam alunos e intérpretes, principalmente no âmbito educativo. Além disso, dificuldades próprias do acesso remoto são encontradas durante o processo de interpretação, como por exemplo a presença de câmeras fechadas, ou mesmo a preocupação de que os conteúdos não estejam sendo suficientemente aprendidos ou entendidos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalizamos este artigo, retomando o percurso realizado. Tendo em vista os desafios e as dificuldades derivadas da pandemia de Covid-19, nos lançamos em campo, para compreender as principais evidências das divulgações científicas que se ocuparam da educação de surdos

durante o período da pandemia de Covid-19. Para cumprir nosso primeiro objetivo específico, levantamos 17 trabalhos publicados durante 2020 e 2021 que enfocam a educação de surdos durante a suspensão das atividades educativas presenciais. As dificuldades evidenciadas aparecem como uma via de mão dupla, presentes na rotina de tradutores/intérpretes, mas também dos alunos e professores. Ao mesmo tempo em que os tradutores/intérpretes necessitam desta transformação de artefatos em instrumentos, os alunos surdos também realizam este percurso e os subsídios necessários para que essa interação ocorresse não foram fornecidos.

A partir da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), que possibilitou a construção de 10 categorias analíticas, foi possível demonstrar que, na maioria dos artigos científicos analisados, evidenciaram-se diversos problemas na adaptação entre o ensino presencial e o ensino remoto aos estudantes surdos. Alguns deles se referem aos problemas na conexão e até na falta de dispositivos para o acesso às aulas. Além disso, algumas pesquisas indicam que o ensino remoto destinado aos surdos é organizado com base na perspectiva ouvintista, em contraposição à uma visão social da surdez (ALVES; GOMES, 2020). Isso significa considerar que o aspecto viso-espacial, importante para a aprendizagem dos alunos surdos não é considerado no planejamento das atividades acadêmicas.

Ao transformarem artefatos em instrumentos (RABARDEL, 1995), na condução da mediação entre estudantes surdos e professores, os intérpretes tiveram atuações acidentadas, uma vez que não foram disponibilizados recursos públicos para que essa interação se desse de forma satisfatória. Essa constatação vem responder ao nosso segundo objetivo específico. É notório que o ensino remoto limitou a atuação deste profissional, devendo os seus sinais ‘cabem’ em uma tela, o que impacta a recepção da interpretação e, em muitos casos, também condiciona a ineficiência de feedbacks, pelos alunos, em face das câmeras desligadas. Como ainda não temos presente a educação bilíngue em nosso contexto educacional, apesar dos avanços legislativos alcançados, o tradutor/intérprete permanece como um representante da comunidade surda no ‘mundo ouvinte’, mediando seus anseios e dificuldades e esse papel é ressaltado nos estudos revisados.

Em resposta ao nosso terceiro objetivo específico, que faz referência aos conflitos causados pela situação pandêmica na educação de surdos, é possível defender que os problemas

apontados não são, necessariamente, novidades advindas do contexto pandêmico. Muitos estudos se apoiam na ideia de que a situação da educação de surdos no país, ainda no modelo presencial, já apresentava dificuldades e limitações, justamente em decorrência da dicotomia criada entre surdos e ouvintes e com a sobreposição destes últimos aos surdos. Essa desigualdade aumenta com a pandemia. Finalmente, observamos ainda que uma vasta gama de pesquisas ressalta a omissão do setor público, frente à mudança nesta triste realidade, com a falta de investimentos em tecnologia ou mesmo com a contratação de intérpretes para as mediações entre os professores ouvintes e os estudantes surdos.

Em suma, nosso trabalho mostra que os desafios na gestão e inclusão do aluno surdo no ensino remoto, durante o período pandêmico, enseja dedicação, cooperação e apoio do poder público. É preciso que haja estratégias conjuntas, tendo em vista o reconhecimento de que o aluno surdo não aprende tal como o aluno ouvinte, necessitando de ferramentas e recursos voltados para as suas necessidades educacionais.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. F.; GOMES, J. de S. Educação de pessoas surdas em tempos de pandemia: linguagem e relações de poder. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. Especial, pág. 325 – 338. 2020: “Educação e Democracia em Tempos de Pandemia”. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51903>. Acesso em: 07 dez. 2021.

ARAÚJO, B. R. N.; FERREIRA, R. V. A Libras diante da pandemia: a importância do intérprete no contato linguístico. **Web-Revista SOCIODIALETO –NUPESD / LALIMU**, v. 11, nº 33. 2021. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/335/307>. Acesso em: 16 ago. 2021.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERENZ, N. Surdos Venceremos: the rise of the Brazilian Deaf Community. *In.*: MONAGHAN, L. *et al* (Org.). **Many Ways to Be Deaf: International Variation in Deaf Communities**. Washington, DC: Gallaudet University Press, pp. 173-193. 2003.

BRASIL. **Lei 10. 436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1). Acesso em: 06 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm). Acesso em 11 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em 11 dez. 2020.

FERREIRA, A. C. de A. X. *et al.* Os impactos da pandemia da Covid-19 nas atividades profissionais dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. Web - **Revista SOCIODIALETO**. Volume 11. Número 33. 2021. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/320>. Acesso em: 07 dez. 2021.

FRANCISCO, G. da S. A. M. *et al.* COVID-19: Materiais produzidos em Libras durante a pandemia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, e6010917699, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17699>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MARQUES, R. F. **Interpretação Remota Durante a Pandemia do Coronavírus: Um relato de experiência de interpretação no ensino superior.** Monografia (Bacharelado em Letras Libras). Universidade Federal de Santa Catarina, Fortaleza, p. 43. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219788>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MAZACOTTE, R. B. *et al.* Educação de Surdos no Brasil: caminhos e desafios para o pós-pandemia, p. 15-31. *In.*: SILVEIRA, E. L.; SANTANA, W. K. F. de. (orgs.). **Educação, linguagens e ensino: saberes interconstitutivos.** São Carlos: Pedro & João Editores. 2021.

MIRANDA, J. M. de. *et al.* Produção de uma plataforma virtual para a educação de surdos. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 89965-89981, nov. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/20146>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MONTI, L. L. *et al.* Implicações Socioemocionais sobre Alunos Surdos no Contexto da Pandemia. **SciELO Preprints**. 2021. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Qbjbclvf3r8J:https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/2584/4553/4733+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 08 nov. 2021.

NASCIMENTO, I. S. do; SANTOS, P. C. dos. A normalidade da desigualdade social e da exclusão educacional o Brasil. **Caderno de Administração**, Maringá, v.28, Ed.Esp. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53834/751375150148>. Acesso em: 04 ago. 2021.

OLIVEIRA, S. P. dos S. et al. Ações do projeto Comunicação Acessível em Libras durante a pandemia da Covid-19. **Raízes e Rumos**, Rio de Janeiro, v.8 n.2, p. 134-144. 2020. Disponível em: <http://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/10298>. Acesso em: 07 dez. 2021.

PADILHA, L. C. S.; BITTAR, M. Apropriação da tecnologia por professores de matemática para fins pedagógicos: uma abordagem instrumental. **Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática**. Curitiba. 2013. Disponível em: [http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/anais/XIENEM/pdf/3267\\_2181\\_ID.pdf](http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/anais/XIENEM/pdf/3267_2181_ID.pdf). Acesso em: 07 dez. 2021.

PAGURA, R. Tradução & interpretação. In.: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. **Tradução & perspectivas teóricas e práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 183-207. 2015. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-09.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.

PEDROSA, C. E. F. Alunos surdos universitários: os desafios do ensino remoto na pandemia. In.: ZANONI, D. A.; MAYER, L. (orgs.). **Ensino de Ciências Humanas e Sociais em tempos de pandemia**. Ipiranga: Schreibern, 2021.

QUADROS, R; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, dados eletrônicos, 2007.

RABARDEL, P. **Les hommes et les technologies, approche cognitive des instruments contemporains** Paris: Armand Colin. 1995.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SANTOS, R. F. F. dos. A atuação do intérprete de Libras em tempos de pandemia: reflexões acerca de possibilidades e desafios. **IV Congresso Internacional de Educação Inclusiva**. 2020. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2020/TRABALHO\\_EV137\\_MD1\\_SA7\\_ID122\\_13112020152531.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2020/TRABALHO_EV137_MD1_SA7_ID122_13112020152531.pdf). Acesso em: 16 ago. 2021.

SANTOS, G. G. F.; BARBOSA, T. da S.; FERNANDES, S. de F. P. **A acessibilidade de alunos com surdez no ensino superior, durante a pandemia de Covid-19**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2356/1/Glianny%20e%20Tatiele%20TCC%202021.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SHIMAZAKI, E. M. *et al.* Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Praxis educativa**, vol. 15, e2015476, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15476>. Acesso em: 07 dez. 2021.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica** ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1. 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SILVA, M. I. da. **O Uso de Tecnologias para a Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais**. Monografia (Bacharelado em Letras Libras). Universidade Federal de Santa Catarina, São Luiz, p. 50. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/220161/Maria.Izanir.da.Silva-TCC.2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 dez. 2021.

SIMÕES, R. de C. da S. **Educação na pandemia: a realidade do ensino remoto para surdos no município de Pirpirituba/PB**. 2020. 22 f. Artigo (Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa. 2020.

SOUSA SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. Disponível em: [https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro\\_Boaventura.pdf](https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf). Acesso em: 07 dez. 2021.

SOUZA, A. C. S. L. M. de. *et al.* **A inclusão do aluno surdo em tempos de pandemia: um relato de experiência**. Pesquisas no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico: Inter. Stricto sensu Editora. 2020.

STEVANIM, L. F. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS**, n. 215. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43180/2/Exclus%c3%a3oNadaRemota.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2021.

STROBEL, K. **História da Educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância. Florianópolis. 2009. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf). Acesso em: 06 fev. 2022.

TAVARES, M. J. F. *et al.* Inclusão de um discente surdo em uma turma de ouvintes: Uma abordagem contextualizada em período de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.4, p. 38389-38407. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/28182>. Acesso em: 16 ago. 2021.

TSUJI JUNIOR, N. Um estudo do processo de gênese instrumental vivenciados por alunos do 9º ano do ensino fundamental. **Encontro Brasileiro de Pós-Graduação em Educação Matemática**. 2016. Disponível em: [http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd6\\_nelson\\_junior.pdf](http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd6_nelson_junior.pdf). Acesso em: 07 dez. 2021.

VASCONCELOS, I. L. O desafio da acessibilidade de alunos surdos na perspectiva do ensino remoto. **IV CINTEDI, Congresso Internacional de Educação Inclusiva**. 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72518>. Acesso em: 07 dez. 2021.

VIEIRA, A. A.; SOUZA, C. J. de. A utilização das tecnologias assistivas para alunos surdos em tempos de pandemia: um estudo introdutório. **Dossiê Educação Brasileira e a EAD no Contexto da Pandemia de Covid-19: perspectivas e desafios**. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/65382/35629>. Acesso em: 16 ago. 2021.

## APÊNDICE A

Quadro 2: Trabalhos utilizados na revisão bibliográfica deste artigo

<b>Título</b>	<b>Autoria/ano</b>
Alunos surdos universitários: os desafios do ensino remoto na pandemia COVID-19: Materiais produzidos em Libras durante a pandemia	Pedrosa (2021)
A acessibilidade de alunos com surdez no ensino superior, durante a pandemia da COVID-19	Francisco <i>et al.</i> (2021)
Impactos da pandemia da COVID-19 nas atividades profissionais dos tradutores e intérpretes de língua de sinais	Santos, Barbosa e Fernandes (2021)
A Libras diante da pandemia: a importância do intérprete no contato linguístico	Ferreira <i>et al.</i> (2021)
Implicações Socioemocionais sobre Alunos Surdos no Contexto da Pandemia	Araújo e Ferreira (2021)
Inclusão de um discente surdo em uma turma de ouvintes: uma abordagem contextualizada em período de pandemia	Monti <i>et al.</i> (2021)
Educação de surdos no Brasil: caminhos e desafios para o pós-pandemia	Tavares <i>et al.</i> (2021)
A atuação do intérprete de Libras em tempos de pandemia: reflexões acerca de possibilidades e desafios	Mazacotte <i>et al.</i> (2021)
Produção de uma plataforma virtual para a educação de surdos	Santos (2020)
Ações do projeto Comunicação Acessível em Libras durante a pandemia da Covid-19	Miranda <i>et al.</i> (2020)
A inclusão do aluno surdo em tempos de pandemia: um relato de experiência	Oliveira <i>et al.</i> (2020)
O desafio da acessibilidade de alunos surdo na perspectiva do ensino remoto	Souza <i>et al.</i> (2020)
Educação de pessoas surdas em tempos de pandemia: linguagem, pensamento e relações de poder	Vasconcelos (2020)
A utilização das tecnologias assistivas para alunos surdos em tempos de pandemia	Alves e Gomes (2020)
Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia	Vieira e Souza (2020)
Educação na pandemia: a realidade do ensino remoto para surdos no município de Pirpirituba/PB	Shimazaki <i>et al.</i> (2020)
	Simões (2020)

Fonte: elaboração própria

***William Velozo FRANCONI***

Tradutor e Intérprete Educacional de Libras-Português (TILSP) e Coordenador do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) no Instituto Federal de São Paulo – Campus Ilha Solteira. Possui Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e especializações em Educação e Tecnologia pela Universidade de São Carlos (UFSCar) e em Libras pela Faculdade Futura (FUTURA). Além disso, possui formação acadêmica com Bacharelado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Libras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

*Recebido em 03/fevereiro/2023 - Aceito em 23/maio/2023.*